

## Estudante-Autor:

*Experiência que agrega valor formativo*

Márcia Maria Fonteles Vasconcelos

**Resumo:** Esta proposição objetiva trazer uma reflexão da literatura sob o prisma de uma experiência no espaço de sala de aula. Entendendo este espaço como um processo de construção em que o professor, mais do que mediador, incentiva a prática de ações protagonistas, o convite se estende aos leitores para que possamos ressignificar nossos conceitos e sermos autores de nossas histórias. De forma a embasar a escrita, apresentamos a temática à luz dos pressupostos teóricos de autores como Candido (1989, 2002), Coelho (1997), Zilberman (2003), dentre outros. Após a contemplação de como a literatura contribui para a formação humanizadora, especificamos a literatura infantojuvenil, foco de nossa vivência a partir de componente curricular ministrado. Seguido a isso, trazemos à tona as ações que nortearam o cumprimento da referida disciplina em nível superior de uma instituição pública na cidade de Camocim-CE. Com a experiência, foi perceptível o valor agregado aos estudantes, uma vez que manifestaram novas visões acerca da literatura, assim como ressignificaram o fazer literário, não sendo este limitado a grandes nomes. Além disso, os discentes puderam ampliar suas concepções no que tange à desmistificação de conceitos, ao reconhecimento artístico local, bem como à descoberta de uma habilidade artística e criativa, até então, adormecida. Evidenciamos, portanto, o produto dessas experiências e a reflexão de como a literatura é capaz de transformar e de libertar o homem.

**Palavras-chave:** Literatura. Produção. Formação.

**Abstract:** This proposition aims to bring a reflection of the literature under the prism of an experience in the classroom space. Understanding this space as a construction process in which the teacher, more than a mediator, encourages the practice of protagonist actions, the invitation is extended to readers so that we can reframe our concepts and be authors of our stories. In order to support the writing, we present the theme in light of the theoretical assumptions of authors such as Candido (1989, 2002), Coelho (1997), Zilberman (2003), among others. After contemplating how literature contributes to humanizing training, we specify children's literature, the focus of our experience based on the curricular component taught. Following this, we bring to light the actions that guided the fulfillment of that discipline at a higher level of a public institution in the city of Camocim-CE. With the experience, the added value to the students was perceptible, since they manifested new visions about literature, as well as giving a new meaning to literary work, which is not limited to big names. In addition, students were able to expand their conceptions regarding the demystification of concepts, local artistic recognition, as well as the discovery of an artistic and creative ability, until then, dormant. We evidence, therefore, the product of these experiences and the reflection of how literature is capable of transforming and freeing man.

Keywords: Literature. Production. Training.

## INTRODUÇÃO

A literatura é porta para outros mundos, descobertas advindas do poder que a leitura concede a quem se aventura por este universo. Nesse sentido, a leitura confere ao homem a competência de interpretar e de entrever valores no espaço literário. Diversos estudos na área, como os de Coelho (1997) e Zilberman (2003), que evidenciam a importância da literatura frente ao papel humanizador que desempenha, podem não ser suficientes para convencer o cético leitor. No entanto, os resultados, os relatos e os impactos dessa influência são capazes de mostrar o poder catártico da manifestação artística, da literatura.

Essa valorização literária, assim como a motivação para ler, não acontecem de forma abrupta ou, ainda, com apreciações superficiais dos conteúdos a tratar. Ao especificar a literatura infantojuvenil, tem-se um desafio maior, uma vez que, para muitos, trata-se de um conteúdo destinado a uma faixa etária exclusiva, cujo destaque não se dá, geralmente, entre adultos.

Repensando nos valores que alguns percursos metodológicos possibilitam desenvolver nos alunos, o presente relato busca externar um pouco das diversas ações produzidas ao longo de um período junto à turma de literatura infantojuvenil e quais conceitos puderam ser recriados ao passo que os estudantes se tornavam autores no processo de formação.

Mediante o exposto, relatamos aqui as experiências obtidas em uma instituição pública, em turma de ensino superior de licenciatura em Letras, na cidade de Camocim-CE. Esta produção se estrutura com uma breve introdução, de modo a situar o leitor acerca da disposição das informações, seguida das seções de embasamento teórico, onde explicitamos a literatura com esse caráter formativo e abordagens específicas da literatura infantojuvenil mencionada outrora. A ideia é mostrá-la como parte ainda não tão reconhecida como deveria e como isso pôde ser recriado.

Ademais, na seção subsequente, tratamos da experiência em si, com foco nas ações desenvolvidas ao longo da disciplina e como os alunos puderam contribuir significativamente com a construção do componente, não havendo repasse de saber, mas estudos em conjunto e incentivo à produção literária. Na ocasião, damos destaque às ações

mais relevantes, bem como ao livro produzido pela turma, como exemplo do impacto que a arte causa na formação humana.

Por fim, trazemos a seção de conclusão, retomando algumas ideias expostas e suscitando outras reflexões sobre o nosso fazer pedagógico e como a literatura pode contribuir para isso. Ansiamos que o presente relato possa inspirar outras criações e que propicie ideias tão motivadoras quanto; que ajudem a ver o estudante como protagonista, e não como um ser passivo, ainda reflexo de práticas que mais alienam do que ensinam.

## **A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E PERCEPÇÃO CRÍTICA**

Durante muito tempo, a prática literária ocorria pela oralidade, seja pela não invenção da escrita até então, seja, posteriormente, pelo acesso aos estudos que era restrito a poucos. Assim, os legados da tradição oral permitiram, à sociedade, a partilha de muitas histórias com diferentes intencionalidades, mas igualmente importantes dados os valores históricos, políticos, socioculturais que perpetuavam.

Com o advento da escrita, foi possível cristalizar e tornar ainda mais presente a diversidade de gêneros representativos da esfera literária, evitando-se o risco de esquecer, por exemplo, das lendas, dos mitos, dos contos e de tantas outras riquezas que fizeram valer cada escrita e que marcaram determinado contexto social. Nesse sentido, compreender o que é literatura e como essa manifestação artística influencia na formação do discente é imprescindível para que seja possível valorizá-la como parte dos impactos que propiciam no espaço escolar.

Segundo Candido (1989, p. 117), “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.” Assim, à medida que sensibiliza o homem, tornando-o, deveras, mais humano, permite-lhe, também, ignorar estereótipos e abrir espaços para novos conceitos, representações e ideologias, o que contribui para o seu desenvolvimento crítico.

Na sala de aula, a esfera literária ganha espaço de forma mais enfática, infelizmente, apenas no período do ensino médio, quando os movimentos são apresentados em conformidade com o período histórico, ocasião em que os professores trabalham com

características e informações mais relevantes da estética. Na verdade, o estudo pautado, mormente, na historiografia não favorece a abordagem de metodologias em que se valorizem as práticas de produção literária, o que, infelizmente, tem se tornado ainda mais difícil com a reformulação do Novo Ensino Médio. O que falta neste período, pois, são experiências que possibilitem aprofundamento teórico e análises que evidenciem a percepção dos alunos e como isso os atinge.

A reflexão tomada aqui quanto à prática literária no ensino básico se dá em virtude de como esse processo passa a ser internalizado pelo jovem ou adulto que ingressa no curso superior vinculado à área de literatura. O gosto pela leitura, o encantamento a partir dos textos, o poder de convencimento que a arte literária proporciona podem ser melhor identificados quando o discente faz escolhas em que se denotam o impacto e a relevância que a literatura ganha ao longo do percurso escolar.

Ainda conforme Candido (2002), a literatura é dotada de três funções frente às quais desdobra-se a função humanizadora. A primeira delas, voltada ao campo da imaginação, da criação, corresponde à psicológica, função que o homem prima pela necessidade de fantasiar, idealizando novas realidades e assumindo papéis diversos. A segunda função diz respeito à formação, ao passo que o homem, consciente de sua condição real, constrói seu mundo imaginário pautado em realidades já experienciadas, mas que não são impeditivas para o crescimento e a formação que a literatura lhe oferece. Por fim, a terceira função se volta ao social e, neste espaço, o homem se reconhece nas histórias; identifica-se com as vivências do mundo fantasioso.

É, logo, por essa razão e representação social e humana que a literatura detém, que se coaduna com a percepção de Zilberman (2003, p. 25), para quem:

[...] as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se trate de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o receptor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos.

Com esta visão, denota-se a indissociabilidade entre escola e literatura e como a primeira é essencial para que o educando possa tomar a segunda como espaço para o seu desenvolvimento pessoal. A escola, como instituição formativa, pode garantir, por meio de suas práticas, a ressignificação do texto literário, incentivando a leitura, à medida em que também explora os efeitos e evidencia a utilidade da literatura em detrimento da percepção supérflua que muitos lhe atribuem.

Desse modo, o reconhecimento do valor formativo da literatura deve partir, *a priori*, da própria instituição como responsável pela construção de um projeto político pedagógico, de um currículo que atenda às especificidades maiores, inclusive as preconizadas pelos documentos legais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) e a BNCC (2018).

Desde a fase infantil, o aluno deve ser situado em um espaço que lhe assegure condições de desenvolver-se plenamente, entendendo as distintas representações em que se vê envolvido como manifestações artístico-culturais, além de valorização desses conhecimentos que o ajudem a construir suas percepções de mundo e como ele poderá lidar com isso nos diferentes contextos sociais.

O aprendizado adquirido, à medida que progride na educação básica, leva o aluno ao seu desenvolvimento pessoal e social, facilitando-lhe a percepção crítica; a formação de valores; a construção e desconstrução de parâmetros e referências. A importância da vivência literária na educação infantil é repassada ao longo da trajetória da educação básica, inclusive no ensino médio, onde o adolescente, mais consciente de seu papel social, progride quanto às habilidades desenvolvidas e deve ter meios para consolidar tudo que foi discutido anteriormente.

Ao especificar o trabalho com a literatura na ambientação superior, o quadro que se apresenta é uma abordagem teórica demasiada que, muitas vezes, leva o aluno a não enxergar o verdadeiro objetivo do papel humanizador da literatura. Afinal, conforme apresenta Compagnon (2010, p. 252): “[...] há uma verdade da teoria que a torna sedutora, mas ela não é toda a verdade, porque a realidade da literatura não é totalmente teorizável.” Assim, estratégias que favoreçam questionamentos, reflexões e mudança de valores são

cruciais para que o estudante de letras, por exemplo, enquanto posterior formador, consiga, de igual modo, possibilitar práticas que tornem a literatura uma vivência para o aluno e não um apanhado histórico memorizável para avaliação.

Desse modo, as práticas experienciadas a partir do contato com a literatura promovem ao discente a releitura de mundo; a ampliação de saberes outrora apreendidos; a compreensão de textos de maior complexidade e reflexões diversas que perpassam a formação integral, como os aspectos da comunidade, alusões históricas e sociais, que tornam sobressalente o repertório sociocultural que o aluno adquire.

Esse panorama de vantagens traz, também, aprendizagens que se ramificam para outras áreas que exigem do educando o poder de análise e crítica que ele somente é capaz de manifestar quando sujeito a eixos cujas práticas oportunizem o desenvolvimento de habilidades e competências diversas. Por meio da seleção de metodologias ativas, a universidade também pode romper os limites a que muitos alunos se veem condicionados e oficializar a recriação da realidade a partir das leituras literárias vivenciadas, cujo ambiente de fantasia amplia as relações que o aluno tem com o seu entorno ao passo que reflete sobre a sociedade em que está inserido.

Embora muitos estudos e pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos, como se observa em Skalki e Robazckiewicz (2013), Andrade e Giroto (2016) e Moura (2022), tenham demonstrado o considerável impacto no que tange ao incentivo da leitura, ainda são notados casos de dificuldades de ordem interpretativa, capacidade de crítica mínima, além do pouco interesse que demonstram pela leitura até mesmo em níveis superiores. Isso acontece, geralmente, quando o trabalho desenvolvido junto a esses discentes não traz reflexões para além das leituras superficiais que são proporcionadas seguidas de atividades limitadas quanto à interpretação textual.

É, portanto, nesse contexto, que, para Pimenta (2005, p. 18), em análise à formação, “[...] espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano”. A literatura tem o poder de sensibilizar e emocionar o leitor, deixando-o

## Estudante-Autor: experiência que agrega valor formativo

livre para outros mundos, outras descobertas que, certamente, serão significativas para a sua percepção crítica e, conseqüentemente, para a sua formação humanizada e integral, o que é assimilado mais facilmente a partir da prática.

Acerca do exposto, salienta-se que esse processo de desenvolvimento não ocorre repentinamente, mas se constrói à medida que o aluno é submetido às condições que favoreçam os aprendizados, bem como o gosto pelas experiências literárias. Essa conjuntura, em sua maioria, é tangível mais facilmente quando inserida na rotina do educando mais cedo, pois, assim, precocemente, orienta aqueles que podem transformar a sociedade e fazer dela uma referência melhor.

Destarte, é nesse sentido que Coelho (1997, p. 15) apresenta o seguinte destaque:

A literatura [...] tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens.

Inspirados, portanto, em uma literatura que, desde cedo, deve agregar valor formativo a crianças e/ou jovens, que será partilhada a experiência vivenciada com grupos de jovens e adultos que, embora estejam no nível superior, não se limitaram às leituras encaminhadas, muito menos se intimidaram diante da oportunidade de levar a escrita deles a outros leitores.

Mais do que um trabalho diferenciado no nível superior, esta experiência é válida também para ratificar a importância do papel que a literatura desempenha, mesmo frente a alunos que não tiveram oportunidades de lidar com essa apreciação literária e com metodologias de produção propriamente ditas. No entanto, esse cenário não foi impeditivo para que pudessem partilhar, de forma tão significativa quanto os outros, suas habilidades de produção literária.

## UM POUCO MAIS DE HISTÓRIA: A LITERATURA INFANTOJUVENIL



Há quem acredite que há literaturas melhores do que outras. Alguns creem também que as literaturas, por serem diversas, se restringem a um grupo específico, como, em sua maioria, se evidencia nas escritas quando se fala, por exemplo, da Literatura Infantojuvenil. Destinada, aos olhos de muitos, especialmente para crianças e adolescentes, essa literatura tão significativa para a formação de valores se perde em meio a esse equívoco e é difundida como literatura para poucos.

Segundo Zilberman (2003, p. 29), “A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura [...]”. Mais do que simples manifestação artística, a referida literatura promove a descoberta do mundo, assim como a descoberta do próprio eu, o que é imprescindível para a formação pessoal.

Na verdade, a origem dessa literatura remonta ao período do século XVII, apresentada com a função de educar as crianças quanto à moral, considerando estas como meras representações de adultos em miniatura. Somente com o advento da escola e da orientação da igreja, a noção de família passou a ser constituída e, com isso, a diferenciação que precisava existir, de fato, entre a criança e o adulto.

Desse modo, as histórias consideradas puramente infantis revelam, em seu âmago, distintos problemas e temáticas que perpassam gerações e, no mundo maravilhoso em que são construídas, ajudam não só as crianças, mas os leitores que nela se aventuram a enxergar para além da inocência de seus personagens e dos conflitos superficialmente exibidos.

Conforme, pois, Bettelheim (2020, p. 19):

As histórias, lendas, fábulas e os contos de fadas trazem à rotina escolar uma atividade insubstituível repleta de conteúdos e dinâmicas no ensino-aprendizagem, que contribui de maneira positiva no conhecimento da criança, tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita e visual.

Como um instrumento formativo, o contato com esses textos permite que o leitor enverede por leituras que passam a ser-lhe significativa à medida que ele se identifica com as histórias e reconhece, seja nos personagens, seja no enredo, traços análogos às suas vivências e, a partir disso, faz as próprias interpretações em prol das percepções que também passa a ter.



A literatura infantojuvenil, infelizmente, ainda é pouco discutida nas escolas. Sua abordagem se dá em uma perspectiva mais pueril, reproduzida, em grande parte, na educação infantil, e limitada a representações lúdicas. Com efeito, destaca-se, ainda, a restrição às leituras de títulos prototípicos dessa esfera literária que não permitem conhecer mais de outras representações que também se configuram como importantes instrumentos de aprendizagem.

Assim como a literatura, como um todo, exerce um relevante papel quanto à função humanizadora, a infantojuvenil também apresenta essa incumbência, uma vez que, enquanto capaz de assumir traços da realidade, com a qual o leitor comunga, torna possível a este a identificação com a arte. Quanto a isso, segundo Candido (2002, p. 92):

[...] o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.

Não causa estranhamento ao leitor determinadas histórias com as quais se identifica. Pelo contrário, o ato de se reconhecer na história de outro, no sofrimento de um personagem que vive um plano de realidade/ficção distinto do leitor, revela-lhe o lado humano que tem, já que é passível de sentir e de refletir sobre aquilo que vivencia. Tal panorama, concede, também, um estado de análise mais profundo e que atesta a humanização do homem.

O conhecimento da realidade que nos cerca, sem dúvidas, expande conceitos, traz o sentimento de pertencimento, além de permitir que os leitores possam se identificar com o ato de escrita, tão importante quanto significativo para uma região que, trivialmente, é relegada, ficando às margens das referências de arte, cultura e estética literária.

É, portanto, com essa percepção de relevância da literatura acima indicada que a experiência vivenciada em uma instituição superior é foco deste relato, dadas as contribuições e os impactos que tiveram na comunidade em que foram escrutinadas. Na próxima seção, será apresentado o percurso dessa prática em que, para além de leitores, os discentes se viram protagonistas, autores de suas histórias e permitiram levar adiante um pouco de suas vivências, de sua região para outras realidades.

## A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO: O SER AUTOR

O trabalho com a literatura precisa ser prazeroso. Por muito tempo, ouvimos histórias e compartilhamos informações que são proferidas por um e por outros, mas, muitas das vezes, não nos detemos em leituras e análises que nos tragam a certeza daquilo que chega até nós. Este cenário torna-se ainda mais complexo quando se trabalha com adultos, pois estes já são conhecedores das “verdades” e das referências literárias. Despertar neles a curiosidade, já depois de tantas escutas, configura-se como um desafio no nível superior, em uma licenciatura em Letras.

Foi com essa caracterização que se identificou uma turma de ensino superior em uma instituição pública, na cidade de Camocim-CE. A turma estava cursando a disciplina de Literatura Infantojuvenil, em que era notável a dificuldade quanto à escassez de materiais auxiliares na instituição para a construção da programação do componente; de obras que evidenciassem a relevância dessa literatura e pudesse desmistificar muitos dos (pre) conceitos que os discentes sustentavam.

Nesse panorama, pois, o trabalho do professor passou a ser de reflexão, de suscitar indagações e conjecturas que os desassossegassem, ao mesmo tempo que levassem a uma redefinição daquilo que julgavam conhecer; que pudessem recriar os conceitos, reformular os sentidos da arte literária. Durante o tempo inicial da disciplina, as apresentações eram mais simples, de modo a conhecer as aspirações da turma quanto às temáticas, o que motivou, ao longo do semestre, a adaptação do que estava sendo proposto e a oferta de desafios que a turma abraçou.

A ideia surgiu com a turma do ano de 2020, em meio ao cenário pandêmico e com aulas que eram ministradas via plataforma do *Google Meet* e com materiais de apoio no *Classroom*. A tarefa educacional, por si só, já se concretizava como um desafio, mas preencher as lacunas de uma educação que não estava pronta para ser ministrada remotamente, além da pouca aceitabilidade por parte dos estudantes, tornou, novamente, o professor como protagonista de suas práticas.

Ademais, não podia ser ignorado o fato de que esses adultos estavam em curso de licenciatura, partilhariam, logo mais, dos mesmos desafios pelos quais estávamos passando. Assim, a disciplina deveria fazer valer o esforço e sensibilizar os discentes a fim de que, mais à frente, não representasse uma decepção no percurso acadêmico. Cientes, pois, desses delicados cenários, comungamos com Freire (1991, p. 80) sobre o fato de que "[...] a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano". Nada mais urgente, portanto, que garantir, em uma sala de formação de educadores, que essa possibilidade de recriação não se limitasse à teoria que pregávamos, mas que éramos capazes de executá-las.

Desse modo, o intuito primário era mitigar as dificuldades vivenciadas ao longo do contexto de pandemia, mas possibilitar uma reflexão maior do que geralmente se debatia nas disciplinas de cunho literário. Assim, inspirados pelas respostas dadas aos questionamentos apresentados em determinada aula de Literatura Infantojuvenil, idealizamos construir um livro de contos da turma. A convicção de que conheciam os contos desde a infância; a resistência por parte de alguns frente a uma literatura considerada para crianças; a superficialidade do que sabiam acerca do componente serviram de incentivo para a programação construída.

Assim, ao longo das aulas do componente, a primeira articulação com a turma era justamente o aprimoramento dos saberes já adquiridos, tendo em vista as visões um tanto distorcidas de alguns integrantes. As primeiras reflexões traziam à tona a formação da literatura infantil, bem como o posicionamento de autores mais modernos quanto a essa literatura, como C. S. Lewis (2018) e J. R. R. Tolkien (2020).

Intercaladas às práticas de estudo e pesquisa sobre a proposição histórica e caracterizadora da literatura infantojuvenil, análises eram postas em evidência sobre os contos prototípicos da esfera. Além disso, de modo a não restringir as abordagens ao universo dos contos, estudos comparativos com outros gêneros eram lançados, como forma de articular as diferentes inspirações que partiam das velhas histórias ouvidas desde a infância.

A relevância dessas estratégias está associada à compreensão de que:

[...] a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas do conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico *processo de produção/recepção* que, consciente ou não, se converte em favor de *intervenção* sociológica, ética ou política. (COELHO, 1997, p. 28, grifos do autor)

Com base nisso, é essencial a percepção de quanto a literatura se molda conforme a sociedade em um processo rico de dinamicidade, cuja atuação do homem age em favor de uma manifestação que expressa suas convicções ao mesmo tempo que lhe garante o aprimoramento de sua consciência crítica.

Conscientes de como o processo de análise das histórias acontecia, a ideia de torná-los já protagonistas ampliou-se e, com isso, distribuiu-se entre eles outros contos para que pudessem apreciá-los e apresentá-los aos demais, com base no aporte teórico indicado, bem como nas próprias percepções analíticas que tinham do que não se expunha no texto como uma informação explícita.

Contos como *Chapeuzinho Vermelho* (1697), *A Bela Adormecida no Bosque* (1697), *Pele de Asno* (1697), *Branca de Neve e os Sete Anões* (1697), *João e Maria* (1697), *O pequeno Polegar* (1697), propagados pela versão de Charles Perrault na obra *Contos da Mamãe Gansa* (1697), foram palco de análises significativas e ressignificadas, pois o que era simplesmente uma aprendizagem moralista, ao final, transformou-se em verdades que refletiam sobre problemas maiores da sociedade. Literatura, afinal, que forma o homem e que permite a sua reinvenção, a sua identificação com personagens inanimados que ganham vida; com animais que agem de forma premeditada; com mocinhas que talvez não fossem tão inocentes; com pecados que revelavam os valores humanos, a necessidade que o homem tem de se libertar.

Nesse sentido, Bettelheim (2020, p. 36) advoga que:

As histórias de fadas não pretendem descrever o mundo tal como é, nem dão conselhos sobre o que alguém deva fazer. [...]. O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções por meio daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida.

Desassociar a aparente relação do conteúdo do conto com a realidade passa pela aceitabilidade que o tema converge com o que sentimos, com os conflitos interiores que a

natureza humana entende que não deve ser compartilhada, em virtude dos julgamentos que poderá sofrer. É, portanto, um ato de libertação identificar-se com os personagens, com o enredo e encontrar uma possibilidade de solucionar o problema que tanto aflige.

Após os momentos de socialização das análises, a turma passou a estudar a estruturação do conto, tendo em vista a atualização deles quanto ao processo de escrita e aos elementos essenciais para a criação da história. No momento de orientação, deixou-se clara a liberdade de escolha no tocante às temáticas e aos enredos que seriam construídos. A ideia era justamente fazer do momento uma oportunidade para uma construção autêntica, onde a originalidade não fosse maquiada com assuntos específicos ou com limites de abordagem no teor dos contos.

Para além das histórias já conhecidas, os alunos tiveram contato com outros contos, de distintas naturezas, como os considerados maravilhosos, os fantásticos e os estranhos. Autores diversos também foram trazidos à tona por meio de escritas que fugiam dessa caracterização moralista, mas que possibilitavam, de igual modo, reconhecer os recursos linguísticos e estéticos da arte literária. Foi justamente esse panorama diversificado que instigou a criação de alguns contos que fugiram do prototípico amor entre um príncipe e uma princesa e revelaram histórias onde era possível enxergar uma realidade mais palpável; reflexo de uma formação humanizadora que acontecia durante o processo de criação artística.

Os discentes também puderam participar de dinâmicas de produção textual, como o *Baú dinâmico de histórias*, em que eram convidados a criar um conto a partir de objetos diversos em um baú ou caixinha adaptada, sendo esta produção coletiva. O objetivo, ademais do caráter criador inerente, voltava-se às ideias de articulação entre as partes do texto, garantindo-lhe coesão e coerência, indispensáveis na produção textual.

No decorrer do processo, os alunos começaram a escrita de seus contos, ao passo que prosseguíamos com rodas de conversa, tertúlias, diálogos entre pares. Os alunos vivenciaram, ainda, as *Oficinas Didáticas*, em que discutimos possibilidades de trabalho com o componente em outras etapas, como no ensino fundamental. Na ocasião, outros gêneros foram contemplados, a exemplo, poemas, quadrinhos, músicas infantis e fábulas. Nesse

momento, a discussão pôde contemplar a intervenção tecnológica e a pressão midiática como pontos sensíveis acerca do espaço que a literatura, como um todo, tem na sociedade atual.

Conscientes do novo contexto que se instaurava, fóruns de compartilhamento crítico foram disponibilizados, atividades de reflexão, com o propósito de analisar a realidade do mercado editorial, assim como a estruturação das histórias que mais chamariam a atenção do novo público.

Com efeito, compreendíamos que o processo de escrita não seria fácil, por isso, os alunos passaram a entregar as primeiras versões e, a partir disso, preparava-se as devolutivas, considerando todos os elementos da história, como linearidade das informações; coesão e coerência; correção gramatical; complementação de ideias, dentre outras ações que julgamos necessárias para o aprimoramento de cada conto. Afinal, assim como os contos que chamam a atenção até hoje, embora muito tempo tenha passado, as produções precisavam de características fundamentais da literatura defendidas por Coelho (1997, p. 44, grifos do autor) como:

[...] traduzir *verdades individuais*, de tal maneira integradas na *verdade geral e abrangente*, que a forma representativa escolhida, mesmo perdendo, com o tempo, o motivo particular que a gerou, continua falando aos homens por outros motivos, também verdadeiros, no momento em que surgem.

Após sucessivas correções e devolutivas, passamos para a fase de diagramação do livro. O aluno indicado como voluntário tinha experiência em gráfica e, com isso, conseguimos deixá-lo pronto. Fruto de muitos esforços, estudos e imaginação, o livro representava uma inovação para a disciplina e, certamente, inspiração para outras ações.



Figura 1 – Capas do livro



Fonte: Acervo da autora.

O referido livro, cuja capa e contracapa são apresentadas na *figura 1*, apresenta 18 contos autorais, correspondente à quantidade de alunos da turma, além de ilustrações que acompanham cada conto, também idealizadas pelo aluno voluntário que pensou a representação, fazendo uso de imagens livres de direitos autorais. Ademais, o arquivo digital, com o intuito de ser propagado na região e chegar ao maior número de leitores possíveis, foi transformado em versão E-pub, garantindo o padrão de acessibilidade e compatibilidade com todos os dispositivos móveis.

Para a publicação, no entanto, considerando a falta de recursos, foi preciso participar de um edital de apoio à Arte, promovido pela própria rede, em que conseguimos boa parte do recurso para a aquisição de exemplares físicos, o que possibilitou outras ações envolvendo as demais turmas da instituição, bem como a comunidade externa. A exemplo, realizamos oficinas, círculos de diálogo, o pré-lançamento das versões digitais em E-book e E-pub e, por fim, o lançamento oficial. Na realização das oficinas, contamos com outras turmas da instituição, assim como da comunidade externa, reflexo de como o projeto pôde ser ampliado e significativo para a partilha de saberes e troca de experiências. Nesses momentos, os alunos eram responsáveis pela programação, bem como pelo direcionamento



das ações, seja na explanação de alguma temática vinculada aos contos maravilhosos, por exemplo, seja nas dinâmicas de produção com os convidados.

Na noite do lançamento, em virtude da pandemia, não foi possível ter muitas pessoas na instituição, o que levou à transmissão ao vivo pela plataforma do *YouTube*, deixando o espaço físico somente para autores e uma representação familiar de cada um. O momento contou com a participação de professores convidados, autores locais, declamação de poesia, opinião dos alunos sobre a ação e o fechamento com os autógrafos dados pelos autores aos presentes, como os gestores, professores e demais profissionais que puderam prestigiar a realidade transmutada em arte.

As histórias apresentadas pela turma trouxeram para além do que foi lido e assimilado ao longo da disciplina, mas também coadunam com as experiências de vida; com o contato já enraizado dos contos ouvidos na infância; das características da região onde vivem e das reflexões que puderam concretizar a partir dos problemas e conflitos sociais, igualmente identificados em suas rotinas.

Parte das produções, em vista disso, foi construída nas ruas dessas cidades, nos espaços fechados das produções, como ateliês, casas, bibliotecas que inspirassem as criações e trouxessem a realidade recriada aos leitores. O convite, portanto, é que possamos levar mais de nossas vivências e saberes a quem ainda não encontrou a magia da literatura e do quão humanizadora ela, realmente, pode ser.

## CONCLUSÃO

O homem cria e recria a todo instante. Alguns com maior evidência e destaque do que outros, mas todos com a convicção de que as linhas escritas, por exemplo, não serão para engavetar. Conforme mencionado outrora, a literatura cristaliza histórias, desafetos, conquistas, dissabores e outros tantos encantamentos que levam o homem a questionar seus valores, suas crenças e seus saberes.

A prática experienciada nas escolas deve ser sempre ofertada com o intuito de que, provavelmente, não alcançaremos todos, mas que isso sirva, concomitantemente, para que possamos dar espaço para outras ideias, ações, e não para que fiquemos frustrados. Conquanto a literatura seja tão mágica quanto se apresenta, vale ressaltar que isso só se

## Estudante-Autor: experiência que agrega valor formativo

torna visível quando o professor, enquanto mediador do processo, enxerga isso *a priori* e consegue, com as suas estratégias, fomentar essa valorização por parte do aluno.

Quão significativa é a valorização pessoal e profissional? Quanto levamos daquilo que ensinamos? Até onde o nosso trabalho repercute? Algumas dessas indagações não precisam ser respondidas; são, deveras, retóricas, mas, certamente, são respondidas na nossa vida diária enquanto formadores.

Indubitavelmente, os autores viram esse momento de estudo e pesquisas não com um fim em si mesmos, mas como partes essenciais de um aprendizado para propagar outras criações. Histórias que contêm um pouco de cada autor, de suas experiências, de seus medos, de seus novos aprendizados e de suas expectativas sobre a sociedade.

Diante do exposto, reconhecemos a literatura como uma arte essencial ao homem, capaz de conceder-lhe valor a partir da leitura, da descoberta de si mesmo. Comungamos com os teóricos que primam por uma educação transformadora e por uma manifestação artística valorizada e reconhecida, primeiramente, por aqueles que fazem parte de seu ambiente de produção. Que esta partilha possa ser luz para outras propostas tão grandiosas e significativas quanto esta.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, F. F.; GIROTTI, C. G. G. S. Reflexão sobre a importância da leitura literária para a formação de crianças produtoras de texto. **Revista Lugares de Educação**. Departamento de Educação do CCHSA – UFPB. Vol. 6, número 12-2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/24921/15089>. Acesso em fev. 2022.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 39. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=)

VASCONCELOS, M. M. F.

13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 fev. 2023.

CANDIDO, A. **Direitos Humanos e literatura**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1989.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Ática, 1997.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

LEWIS, C. S. **Sobre histórias**. Tradução Francisco Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

MOURA, A. L. J. de. **O impacto da leitura literária como agente de transformação social na educação de jovens em situação de vulnerabilidade social**. Universidade Positivo, Curso de Pedagogia. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unipe.edu.br/jspui/handle/123456789/4289>. Acesso em fev. 2022.

PERRAULT, C. **Contos da Mamãe Gansa ou Histórias do Tempo Antigo**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PIMENTA, S. G. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: NÓBREGA, M.; PINHEIRO, H. (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SKALSKI, D. de S.; ROBAZCKIEVCZ, M. C. F. A leitura literária na formação do leitor. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Cadernos PDE, vol. 1, Governo do Estado, Paraná, 2013. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_fafiu\\_v\\_port\\_artigo\\_dagmara\\_de\\_santana.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafiu_v_port_artigo_dagmara_de_santana.pdf). Acesso em fev. 2022.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. Tradução de Reinaldo José Lopes. 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

VASCONCELOS, M. M. F; SILVA, J. S. da. **Contos e Encantos do Mundo Fantástico**. 1. ed. Camocim: Edição dos autores, 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed., São Paulo: Global, 2003.

## SOBRE A AUTORA

**Márcia Maria Fonteles Vasconcelos** é professora da área de Língua Portuguesa do IFCE *campus* Acaraú. Formada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013). Possui especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândido Mendes - UCAM (2017) e em Gestão Escolar pela Faculdade São Luís (2018). É mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2022) e doutoranda em Letras pela UFC. Possui experiência na área de ensino, desde o fundamental até o ensino superior, tendo atuado também como coordenadora e diretora escolar na rede estadual e como coordenadora de curso na rede federal. Interessa-se pelas áreas de descrição e análise linguística, aquisição da linguagem, literaturas diversas e formação de professores.